

QUALIDADE NUTRICIONAL DOS LANCHES LEVADOS PELOS ALUNOS MATRICULADOS NOS CENTROS INFANTIS DA CIDADE DE MATOZINHOS-MG

Nathália Aparecida Resende da Silva¹
Jordânia Castanheira Diniz²

RESUMO

Tema: A influência do consumo de alimentos de baixo valor nutricional na alimentação escolar. **Justificativa:** Avaliar o consumo alimentar em crianças na idade pré-escolar na fase na qual o comportamento alimentar poderá ser levado para toda a vida. A partir de então, direcionar a intervenção com medidas de educação nutricional voltada para a questão da escolha da qualidade dos alimentos consumidos pelas crianças em todos os ambientes a que pertencem como também no escolar. **Objetivo:** Avaliar a prevalência de alimentos de baixo valor nutricional nos lanches levados pelos alunos e o impacto no consumo da alimentação oferecida na escola. **Metodologia:** Trata-se de um estudo de campo, de delineamento transversal, descritivo e de abordagem quantitativa, o qual teve como amostra pré-escolares dos cinco centros infantis do município de Matozinhos-MG. Para a coleta de dados utilizou-se um questionário previamente validado com questões que visaram obter o conhecimento sobre a qualidade dos alimentos levados para o ambiente escolar e demais fatores envolvidos na escolha dos mesmos. **Resultados:** Os resultados encontrados mostraram que a maioria dos pré-escolares levam alimentos de casa para o ambiente escolar e 51,9% dos alimentos foram classificados como não saudáveis e parcialmente saudáveis, o que demonstra que melhorias devem ser propostas quanto a qualidade nutricional dos alimentos levados de casa. Também foi visto que a alimentação escolar tem sido consumida por vários alunos juntamente com os alimentos trazidos de casa o que deve ser melhor analisado sob o aspecto energético e do estado nutricional.

Palavras-chave: Alimentação Escolar. Valor Nutricional. Pré-escolares.

ABSTRACT

Theme: The influence of the consumption of foods of low nutritional value in school feeding. **Justification:** To evaluate food consumption in pre-school children at the phase in which eating behavior can be lifelong. From then on, to direct the intervention with measures of nutritional education aimed on the question of the choice of the quality of the foods consumed by the children in all the environments to which they belong as well as in the school. **Objective:** To evaluate the prevalence of foods of low nutrition value in the snacks taken by the students and the impact on the consumption of food offered at school **Methodology:** This is a field study, with a cross-sectional design, descriptive and quantitative approach, which had as preschool samples, the five children's centers in the city of Matozinhos-MG. For the data collection, a questionnaire previously validated with questions aimed at obtaining the knowledge about the quality of foods taken to the school environment and other factors involved in the choice of them was used. **Results:** The results found, showed that most preschoolers take food from home to the school environment and 51,9% of the foods were classified as unhealthy and partially healthy, which demonstrates that improvements should be proposed regarding the nutritional quality of the foods brought from home. It has also been seen that school feeding has been consumed by several students along with food brought from home which should be better analyzed under the energetic aspect and nutritional status.

Keywords: School Feeding. Nutritional Value. Pre-school Children.

¹ Discente do curso de Nutrição, Faculdade Ciências da Vida (FCV). E-mail: nathalia_ap2195@hotmail.com.

² Nutricionista, Mestranda em biotecnologia e Gestão da Inovação, Especialista em Nutrição Clínica Funcional, Esportiva e Educação Permanente em Saúde em Movimento, Docente Faculdade Ciências da Vida (FCV). E-mail: dinizjordania@yahoo.com.br.

1 INTRODUÇÃO

É indiscutível que a alimentação é um ato necessário para a subsistência; assim, além de cumprir papel fisiológico, ela representa uma das principais práticas humanas e sociais (SILVA *et al.*, 2014). A alimentação adequada na infância é de suma importância, já que é uma fase mais vulnerável, na qual as crianças apresentam rápido crescimento e pouca maturidade imune e fisiológica. Dessa forma, uma alimentação que contenha alimentos com boa qualidade nutricional contribui com o crescimento e desenvolvimento, além de auxiliar na consolidação de hábitos alimentares saudáveis (CARVALHO *et al.*, 2015; LEAL *et al.*, 2015).

A escola é um local importante que contribui para a formação de hábitos alimentares, muitas vezes através da alimentação escolar, que é firmada como um serviço de saúde e uma ferramenta educativa que conta com o auxílio da educação alimentar e nutricional como instrumento de educação em saúde. No entanto, o consumo da alimentação escolar pode ser comprometido pelos alimentos trazidos de casa, pois geralmente são alimentos industrializados e de baixo valor nutricional, fato que agrava ainda mais a situação e pode trazer prejuízos à saúde infantil (FISBERG *et al.*, 2015; FERNANDES; FONSECA; SILVA, 2014; MENDONÇA *et al.*, 2013).

Diante do exposto, chegou-se a seguinte questão norteadora: Quais os principais fatores que influenciam o consumo de alimentos de baixo valor nutricional em pré-escolares e que podem acarretar alteração no consumo da alimentação escolar? Para responder esta questão as hipóteses geradas foram a praticidade desses alimentos, o preço, o atendimento à vontade do filho, a ausência de conhecimento sobre a alimentação servida na escola, a não aceitação da alimentação escolar e o desconhecimento dos grupos de alimentos e valor nutricional.

Este trabalho é relevante uma vez que, o consumo alimentar de baixo valor nutricional pode acarretar no desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis que incluem a obesidade e outros agravos à saúde. Além disso, o hábito alimentar é formado na infância. Dessa forma, justifica-se avaliar o consumo alimentar em crianças na idade pré-escolar na fase na qual o comportamento alimentar poderá ser levado para toda a vida. A partir de então, direcionar a intervenção com medidas de educação nutricional voltadas para a questão da escolha da qualidade dos alimentos consumidos pelas crianças em todos os ambientes a que pertencem, como também no escolar.

O objetivo da pesquisa foi avaliar a prevalência do consumo de alimentos de baixo valor nutricional nos lanches levados pelos alunos e o impacto no consumo da alimentação oferecida na escola. A pesquisa quanto à sua classificação é transversal, de campo, descritiva e de abordagem quantitativa, e o meio utilizado para seu desenvolvimento foi a aplicação de questionário elaborado e validado para a amostra de pré-escolares matriculados em centros infantis do município de Matozinhos/MG.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 MUDANÇAS ALIMENTARES E DOENÇAS CRÔNICAS NÃO TRANSMISSÍVEIS

Nos últimos anos, a alimentação das crianças passou por diversas modificações. Fatores como a rotina da vida moderna, a mulher ocupando cargos no mercado de trabalho, o desenvolvimento social e econômico somados à globalização e à publicidade fizeram com que os alimentos naturais fossem substituídos pelos processados, sendo estes, introduzidos cada vez de forma mais prematura, fornecendo um acréscimo diário de energia e não agregando valor nutricional. A elevada ingestão de calorias juntamente com a alimentação desequilibrada em teor de quantidade e qualidade nutricional, deixam as crianças predispostas ao aumento do peso e desenvolvimento de agravos, sendo a obesidade o principal deles (KNEIPP *et al.*, 2015; OLIVEIRA; SAMPAIO; COSTA, 2014; TOLONI *et al.*, 2014; VEGA; POBLACION; TADDEI, 2015).

A transição nutricional, processo caracterizado pela diminuição da desnutrição e consequente aumento do sobrepeso e obesidade, vem ocorrendo nas últimas décadas e refletindo diretamente na saúde dos indivíduos, afetando inclusive as crianças. Dessa forma, com as mudanças no peso, nota-se o desencadeamento e aumento das doenças crônicas não transmissíveis que são, na atualidade, uma das causas principais de mortalidade no território brasileiro e uma de suas origens está nos hábitos alimentares inadequados ao longo da vida (FREITAS *et al.*, 2016; MELO *et al.*, 2017; VAZ; BENNEMANN, 2014). A adesão a hábitos alimentares inadequados, com uma dieta na qual estão presentes alimentos industrializados, calóricos, ricos em sódio, açúcares e gorduras, sendo esses muitas vezes de baixo custo e mais acessíveis, aliado ao baixo consumo de frutas e vegetais e ao sedentarismo, fizeram com que

os índices de sobrepeso e obesidade aumentassem (MELO *et al.*, 2017; MELLO; MORIMOTO; PATERNEZ, 2016; VAZ; BENNEMANN, 2014; KNEIPP *et al.*, 2015).

2.2 HÁBITO E COMPORTAMENTO ALIMENTAR

Hábito alimentar, segundo Vaz e Bennemann (2014), pode ser definido como a ação individual frente ao alimento, que é estabelecido através de práticas tradicionais, ligadas à possibilidade de compra de alimentos e socialização, caracterizando como um meio do qual, o indivíduo tem a repetir costumes adquiridos. Já o comportamento alimentar é considerado como algo complexo, uma vez que engloba todas as ações do indivíduo relacionadas ao alimento, que vai da disponibilidade até ingestão alimentar, como também considera significados, fatores subjetivos individuais e coletivos.

Os hábitos e o comportamento alimentar começam a ser formados na primeira infância, momento em que ocorre a introdução alimentar e o desenvolvimento do paladar, sendo os pais grandes influenciadores e responsáveis pelas preferências e escolhas alimentares das crianças. Juntando-se a estes, incorporam-se outros fatores que fazem parte da formação alimentar como os costumes culturais, emoções, disponibilidade de alimentos, condição financeira, socialização, entre outros, e assim, os hábitos adquiridos podem ser mantidos entre as demais etapas da vida (BENTO; ESTEVES; FRANÇA, 2014; KNEIPP *et al.*, 2015; MELO *et al.*, 2017).

De acordo com Vaz e Bennemann (2014), com a entrada da mulher para o mercado de trabalho, a realidade familiar modificou bastante e os serviços domésticos precisaram ser conciliados com os profissionais. A família concede os cuidados dos filhos aos centros de ensino ou a outras pessoas que possam cuidar e a alimentação se modifica com os alimentos industrializados que, por sua praticidade, comodidade e por facilitar o dia a dia da família, passam a estar cada dia mais presentes. A família é fundamental na definição do comportamento alimentar da criança, visto que a alimentação dos familiares é que será oferecida à criança, e dessa forma, sua prática alimentar vai se assemelhando a esse ambiente ao qual esta inserida, obtendo influências e compartilhando o mesmo comportamento e estilo de vida (KNEIPP *et al.*, 2015; VAZ; BENNEMANN, 2014). Para Kneipp *et al.* (2015), agravos nutricionais podem ser desenvolvidos nas crianças pela baixa escolarização dos pais, em decorrência de escolhas incorretas e privação de alimentos.

2.3 AMBIENTE ESCOLAR

Segundo Santos *et al.* (2017), quando a criança dá início à vida escolar, ela aprende e adquire hábitos que influenciam nas suas práticas alimentares. Assim, este estágio da vida das crianças torna-se ideal para elas serem instruídas sobre a alimentação de qualidade. A escola é um local importante para a construção dos hábitos alimentares, visto que, dentro de suas dependências, os alunos realizam pelo menos uma refeição e dessa forma interagem, compartilham experiências, preferências, hábitos, alimentos e modismos (PRADO *et al.*, 2015; LIMA, 2016).

A educação infantil é definida como a primeira etapa da educação básica e compreende a creche e a pré-escola que, juntas, atendem crianças com idade entre zero a cinco anos. É nessa primeira fase de ensino que as crianças apresentam maior desenvolvimento, entre eles o da autonomia, das relações sociais e das descobertas do mundo à sua volta (AQUINO, 2016; TEIXEIRA; VOLPINI, 2014). Muitas crianças são matriculadas nos seus primeiros anos de vida nos Centros Municipais de Educação Infantil onde, normalmente passam grande parte do dia, o que atribui a esses estabelecimentos de ensino função significativa de cuidado da alimentação e saúde das crianças (INOUE *et al.*, 2015). Com a execução do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) torna-se possível a oferta de refeições saudáveis e adequadas que atendam as recomendações nutricionais e assim colaborem com o crescimento e correto desenvolvimento das crianças (INOUE *et al.*, 2015; RAPHAELLI *et al.*, 2017).

No empenho de resgatar e preservar a alimentação escolar como formadora de hábitos saudáveis, o Programa Nacional de Alimentação Escolar por meio da Resolução nº 26 de 17 de junho de 2013, determinou algumas proibições e restrições no intuito de priorizar o consumo de alimentos frescos e naturais, em oposição aos industrializados (BRASIL, 2013; SOUSA *et al.*, 2015). Diante disso, a aquisição de bebidas de baixo valor nutricional foram vedadas e dentre elas pode-se destacar os chás prontos, refrigerantes, refrescos artificiais, como também as bebidas e concentrados que apresentam na sua composição groselha ou xarope de guaraná. Em consequência, também ficou restrita a compra de alimentos enlatados, doces, preparações semielaboradas ou prontas para o consumo e alimentos concentrados, sejam eles em pó ou desidratados. E em contrapartida deve-se fornecer, no mínimo, 200 g de hortaliças e frutas para cada aluno durante a semana, o equivalente a três porções (BRASIL, 2013; SOUSA *et al.*, 2015).

O PNAE tem em vista propiciar a segurança alimentar e nutricional, bem como garantir o direito humano à alimentação adequada do escolar. Nessa perspectiva, o consumo da alimentação escolar é fundamental para que as ações e objetivos do programa sejam eficazes (LOCATELLI; CANELLA; BANDONI, 2017). Portanto, deixar evidente o valor da

alimentação escolar é essencial, assim como considerar, entre os alunos, a aceitação e a rejeição tanto de alimentos específicos quanto do tipo de preparação, e dessa forma desenvolver estratégias conforme o estágio em que a criança se encontra, a fim de incentivar alimentos diversos e saudáveis. No entanto, fatores como a familiaridade e experimentação de alimentos resultam na aceitação dos mesmos, demonstrando a necessidade de ter experiências alimentares, principalmente na idade de quatro e cinco anos, para que os alimentos específicos ou preparações experimentadas possam fazer parte permanentemente da alimentação, sendo papel dos pais e da escola colaborar com as crianças nesse processo de construção dos hábitos alimentares (CARVALHO *et al.*, 2013; RAPHAELLI *et al.*, 2017).

3 METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de campo, de delineamento transversal, descritiva, com abordagem quantitativa realizada no mês de abril de 2018, em centros municipais infantis, localizados na cidade de Matozinhos/MG. Por meio de questionário próprio validado buscou-se avaliar os fatores que influenciam no consumo de alimentos de baixo valor nutricional em pré-escolares matriculados no segundo período da educação infantil. Para isso, primeiramente houve a validação do questionário em um grupo de 30 pré-escolares que apresentavam as mesmas características da população escolhida. Após o retorno e avaliação desses questionários foram feitas as alterações necessárias das questões para o melhor entendimento dos responsáveis pelos alunos que iriam respondê-las. A coleta de dados foi realizada nos cinco centros infantis do município, onde todos os alunos que estavam presentes nos dias acessados para entrega da pesquisa receberam o questionário juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O método de inclusão adotado na pesquisa diz respeito aos questionários que retornaram preenchidos e o critério de exclusão refere-se à não assinatura do TCLE, a discordância entre as respostas e o não preenchimento total do questionário. O questionário foi composto pela identificação do sexo da criança, seguido de dez questões abertas e fechadas a respeito da renda familiar, quantidade de pessoas que moram na casa, se a criança faz refeição antes de ir para escola e qual refeição, se leva alimentos para escola e quais alimentos, quem escolhe o alimento levado, quem é responsável por comprar o alimento levado, qual a frequência em que leva alimentos, se consome a alimentação oferecida na

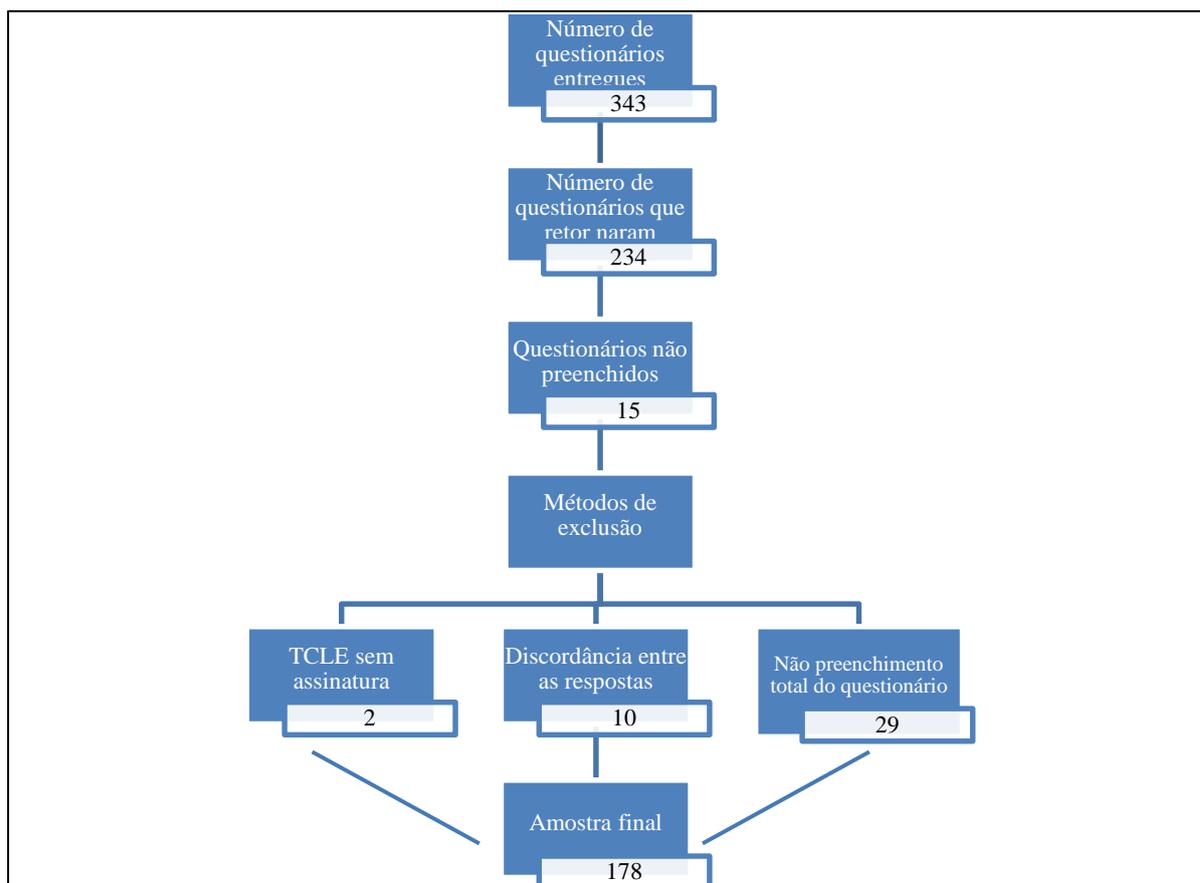
escola, por qual motivo a criança leva alimentos e por fim, o que é observado no alimento levado pela criança.

A qualidade nutricional dos alimentos foi avaliada segundo o Guia alimentar para a população brasileira do Ministério da Saúde (Brasil, 2014), Portaria Interministerial nº 1010 de 8 de maio de 2006 (Brasil, 2006) e de forma semelhante ao agrupamento realizado por Godoy, Teixeira e Rubiatti (2013), no qual, as autoras separaram os alimentos pelos grupos saudáveis, parcialmente saudáveis e não saudáveis. Os alimentos categorizados como saudáveis foram as frutas, suco natural, iogurtes, leite, leite fermentado, biscoitos caseiros, pães, pães de queijo, bolo caseiro e sanduíche natural. Já os parcialmente saudáveis incluíram leite com achocolatado caseiro, misto quente e o suco, o bolo e biscoito foram apontados como às vezes caseiro e às vezes industrializado; por esse motivo entraram nesta categoria. Os alimentos não saudáveis englobaram salgadinhos de pacote, biscoito industrializados/recheados, refrigerante, salgados fritos, doces, bolos industrializados, sucos industrializados e bebida láctea de achocolatado.

Após a tabulação dos dados dos questionários no programa Microsoft Office Excel 2007, foram gerados os gráficos e tabelas para melhor interpretação e análise dos resultados de distribuição de frequências.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente 343 questionários foram distribuídos, no entanto, houve o retorno de 234, sendo que destes, 15 não haviam sido respondidos. Houve exclusão de 2 questionários por não estarem com o TCLE assinados; de 10 questionários por apresentarem questões cujas respostas não mantinham concordância entre si, sendo a principal, porque os pais marcaram a opção que a criança não leva alimento para escola, porém, nas questões seguintes marcaram quem escolhe o alimento levado, quem compra o alimento ou a frequência que leva alimento para escola. E por fim, 29 questionários foram excluídos por não apresentarem as questões respondidas em sua totalidade, sendo a maioria referente à questão sobre renda familiar e sobre quais alimentos são levados para escola. Tais informações estão demonstradas no fluxograma 1.



Fluxograma 1 – Amostra do estudo.

A amostra foi composta por 178 pré-escolares matriculados no segundo período da educação infantil da rede municipal, sendo que, 51% são do sexo feminino e 49% são do sexo masculino. Resultado equivalente foi verificado no estudo de Mello, Morimoto e Paternez (2016), no qual avaliaram o valor nutricional dos lanches de escolares de uma escola da rede privada localizada em São Paulo, sendo que 51,92% da sua amostra eram do sexo masculino e 48,08% eram do sexo feminino.

Quanto à renda familiar, verificou-se que 42,1% tem renda entre um e dois salários; em 19,9% a renda está entre três e quatro salários; 18,7% tem renda de um salário; 16,5% menor que um salário e 2,8% tem renda familiar superior a quatro salários. Longo-Silva *et al.* (2017), em seu estudo que trata sobre a idade e os fatores associados à introdução de alimentos ultraprocessados na alimentação de pré-escolares, encontraram resultados semelhantes ao deste estudo com relação à condição socioeconômica, na qual 86% de sua amostra foi caracterizada como baixa renda, uma vez que apresentaram renda menor que dois salários mínimos. Os autores também avaliaram a quantidade de moradores no domicílio e a mediana encontrada foi de quatro pessoas, o que se assemelha a este estudo, cujos resultados apontaram 35,9% ser entre três e quatro pessoas; seguido pelas opções entre duas e três com

25,8%; 18,5 % entre quatro e cinco; 14,6% acima de cinco pessoas e 5,1% responderam ser duas pessoas.

Sobre a questão se realizam refeição antes de deslocarem para escola, 84,8% responderam que sim e 15,2% responderam que não fazem refeição no domicílio antes de ir à escola, sendo as refeições analisadas, café da manhã ou almoço. O café da manhã foi verificado em 90,1% e o almoço em 9,9% dos pré-escolares que fazem refeição. Valores aproximados foram encontrados por Mota, Mastroeni e Mastroeni (2013) que, ao avaliarem 2483 alunos, verificaram que 91,0% realizaram refeição no domicílio e 9,0% afirmaram não consumir refeição antes de deslocar à escola. Já Prado *et al.* (2015), observaram que 88,1% de sua amostra de escolares tinham o hábito de consumir o café da manhã, fator positivo que segundo os autores está relacionado à maior ingestão de frutas, leite e derivados, cereais e menor consumos dos alimentos não saudáveis, além de estar relacionado ao melhor rendimento escolar.

Na análise sobre os alunos que levam alimentos de casa para a escola, 94,4% afirmaram levar e 5,6% afirmaram não levar alimentos. Os alunos que levam lanche para escola, citaram até cinco alimentos e ao considerá-los, foram identificados 27 tipos de alimentos que se estabeleceram em 12 categorias de acordo as características de composição dos mesmos, como é demonstrado no Gráfico 1.

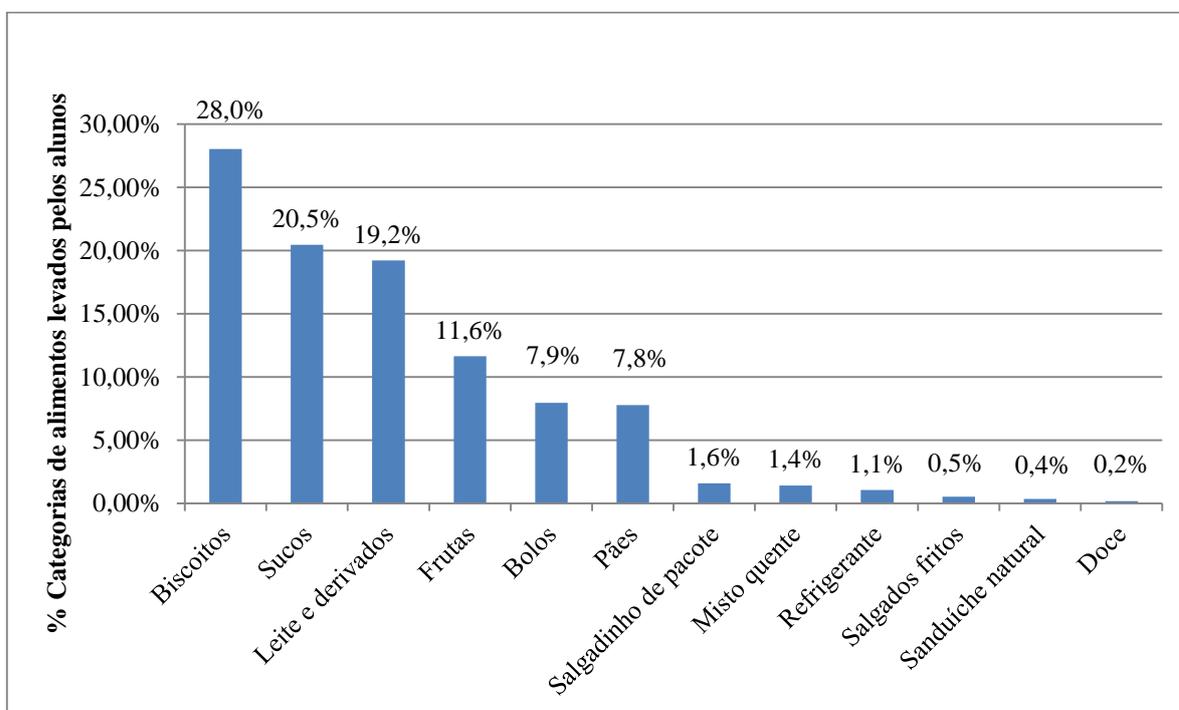


Gráfico1- Categoria dos alimentos levados pelos pré-escolares dos centros infantis de Matozinhos.

Como resultado os biscoitos representaram 28,0% e foi a categoria dos alimentos mais levados pelos pré-escolares e em seguida foram os sucos 20,5%, leite e derivados 19,2%, as frutas 11,6% e os outros alimentos foram encontrados em menor proporção. Estudo realizado por Fisberg *et al.* (2015), no qual abordaram os hábitos alimentares nos lanches de pré-escolares brasileiros, os autores verificaram dois momentos de lanches, sendo manhã e tarde. Semelhante ao presente estudo, eles encontraram no lanche da manhã a presença de frutas (40,3%), biscoitos (33,2%) e iogurtes (22,3%). Já no lanche da tarde mostrou o consumo de biscoito em geral (79,4%), em seguida das frutas em geral (58,1%) e dos iogurtes em geral (41,3%).

Para a análise do valor nutricional, os alimentos foram incluídos nas categorias de saudáveis, parcialmente saudáveis e não saudáveis, conforme Gráfico 2. Para gerar essa análise, alguns alimentos não foram avaliados por não terem sido identificados quanto ao seu processamento, se eram industrializados ou não. Dessa forma, dos 159 alunos que levam biscoitos, 39 não os identificaram, o mesmo ocorrendo com o suco, que do total, 38 não estavam identificados e o bolo, 13 não informaram.

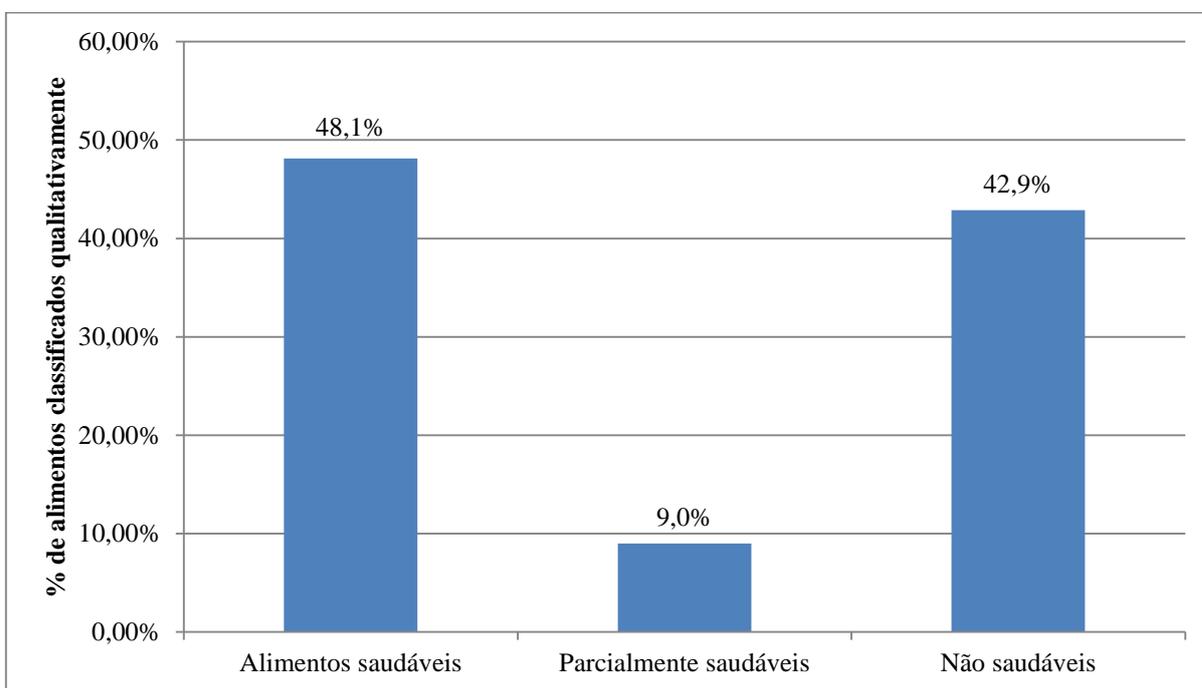


Gráfico 2 - Classificação dos alimentos levados pelos pré-escolares, quanto ao valor nutricional.

Diante do resultado, pode-se observar que o consumo de alimentos saudáveis (48,1%) encontra-se pouco mais elevado do que os alimentos não saudáveis e juntas as categorias parcialmente saudáveis e não saudáveis representam 51,9% dos alimentos consumidos pelos

pré-escolares. Em conformidade com o presente estudo, estão os resultados de Godoy, Teixeira e Rubiatti (2013), no qual, encontraram que 60,2% dos lanches avaliados estavam dentro das categorias de parcialmente saudáveis e não saudáveis.

Com relação a quem escolhe o alimento levado, os pais representaram 73,8%, seguido pela criança 23,8% e os avós 2,4%. No que diz respeito a quem compra o alimento levado, a mãe e em seguida os pais (pai e mãe) tiveram maior representação, 63,7% e 25,0% respectivamente. A escolha e compra dos alimentos realizada pelos pais refletem na qualidade da alimentação e na disponibilidade dos alimentos, tanto para a criança quanto para demais familiares e por as crianças dependerem dos pais, suas práticas alimentares geralmente são criadas através dos exemplos e dos alimentos que são oferecidos no ambiente familiar (MOTTER, 2015; LEAL *et al.*, 2015). Sendo assim, é importante que as crianças conheçam e tenham os alimentos saudáveis disponíveis para que nas oportunidades de escolha dos seus alimentos, possam optar por aqueles mais saudáveis (DOMINGUES, 2013).

A frequência encontrada em que as crianças levam alimentos para escola foi na maioria todos os dias 81,5%, enquanto, as opções de um a dois dias, de dois a três dias, de três a quatro dias e um dia, juntas, somaram 18,5%. Segundo Mendonça *et al.* (2013), o alimento trazido de casa pode comprometer o consumo da alimentação escolar que é equilibrada e balanceada nutricionalmente, e quando ocorre sua substituição pelos alimentos industrializados e de baixo valor nutricional prejuízos são gerados à saúde da criança.

Sobre o consumo da alimentação servida na escola observou-se que 51,1% das crianças consome quando aceitam a preparação servida, 45,5% consome tanto a que leva de casa como a oferecida pela escola e 3,4% consome apenas quando não leva alimento de casa. Locatelli, Canella e Bandoni (2017), ao avaliarem 86.660 escolares do ensino fundamental de escolas da rede pública quanto ao consumo da alimentação escolar, verificaram, que 47,5% não consumiam a refeição oferecida pela escola, 20,3% consumiam raramente, 7,4% consumiam de 1 a 2 vezes na semana e 22,7% consumiam a alimentação 3 vezes ou mais na semana e 2,1% disseram que a escola não serve alimentação para os alunos.

No entanto, para que haja o consumo da alimentação servida na escola à preparação deve ser aceita pela criança, o que refere-se à preferência alimentar, ao cardápio atrativo, à adequação do alimento à idade da criança, apetite, entre outros motivos (NASCIMENTO *et al.*, 2016). É importante observar que quase 50% das crianças consomem tanto o alimento que levam de casa como a alimentação que é oferecida na escola, fato que pode ser preocupante quanto ao elevado consumo de calorias e gasto de energia não equivalente ao que foi

consumido, podendo gerar desequilíbrio energético e consequente obesidade e seus agravos (FISBERG *et al.*, 2015).

Com relação aos motivos para levar o alimento, os responsáveis puderam indicar de uma a três opções que os representavam dentro desta questão. Dessa maneira, 39,9% apontaram um motivo para a criança levar alimento, 32,1% apontaram dois motivos e 27,9% apontaram três motivos, sendo o resultado, apresentado no Gráfico 3.

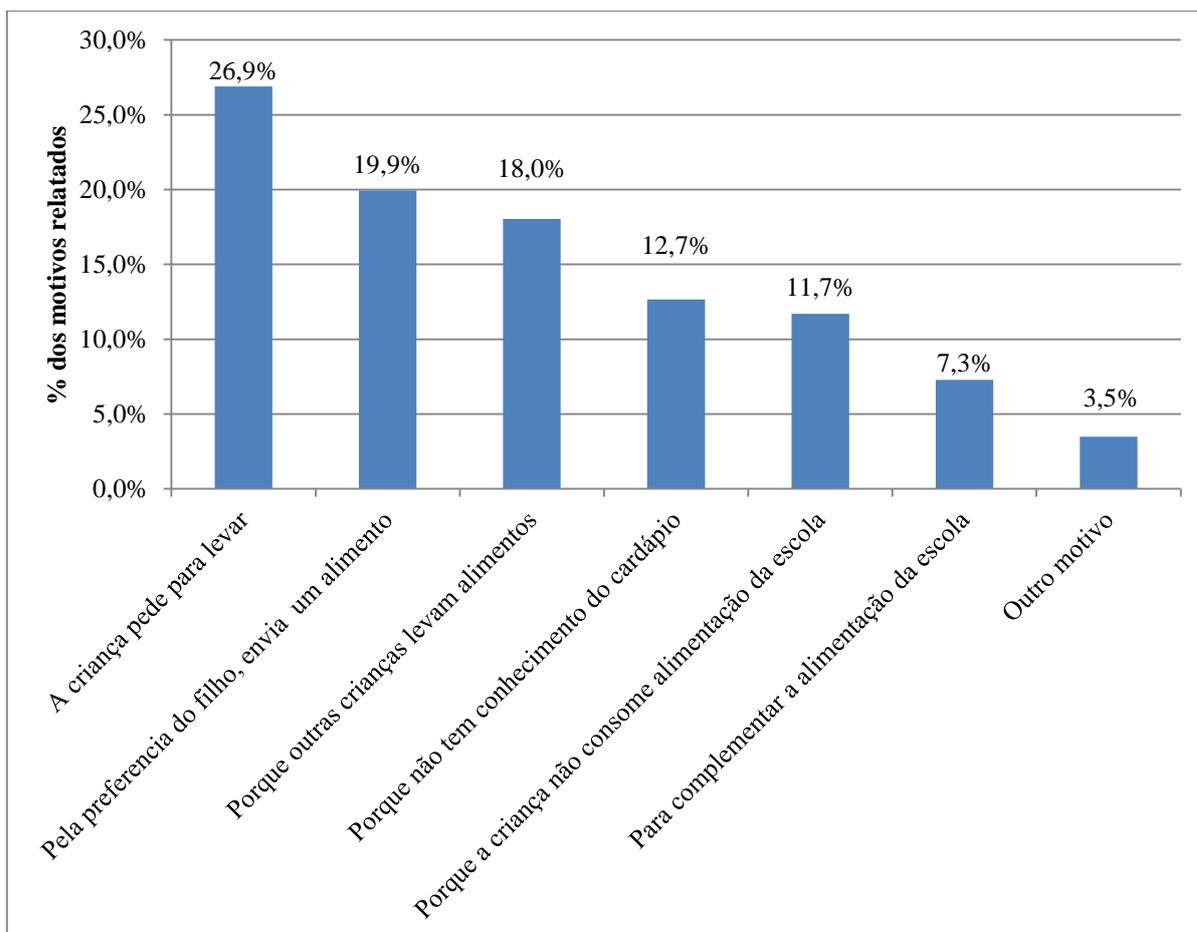


Gráfico 3 - Motivos relatados pelos responsáveis para os pré-escolares levarem alimentos para escola.

De acordo com o Gráfico 3, a criança pedir para levar o lanche foi o principal motivo informado pelos pais 26,9%; seguido pela preferência do filho, envia um alimento 19,9%; porque outras crianças levam alimentos 18,0% e porque não tem conhecimento do cardápio 12,7%. Sá (2015), traz em seu estudo que as crianças a partir dos dois anos de idade começam a pedir aos pais os produtos que lhes agradam o que incluem os alimentos, principalmente os lanches, e exercem certa influência na decisão de compra, o que corrobora com o resultado encontrado no presente estudo. Freitas e Coelho (2014), em seu trabalho, no qual analisaram o consumo de alimentos no lanche escolar, também encontraram que os alunos gostavam do lanche levado por outra criança e pediam a seus pais para levarem o lanche igual ao do

colega. Sobre a resposta “outro motivo”, os responsáveis apresentaram como justificativa que enviam o alimento, pois, não são todas as preparações que a criança aceita o que, de certa forma se associa a opção do conhecimento sobre o cardápio, o que mostra a importância da divulgação do cardápio para a comunidade escolar como forma de trabalhar a educação alimentar e nutricional, melhorar a aceitação e auxiliar no desenvolvimento de hábitos alimentares saudáveis (CORRÊA *et al.*, 2017).

E com relação ao que é observado no alimento levado para escola os responsáveis marcaram de uma a três opções que os representavam. Assim, 43,4% marcaram uma opção, 43,4% marcaram duas opções e 13,1% marcaram três opções as quais estão apresentadas no Gráfico 4.

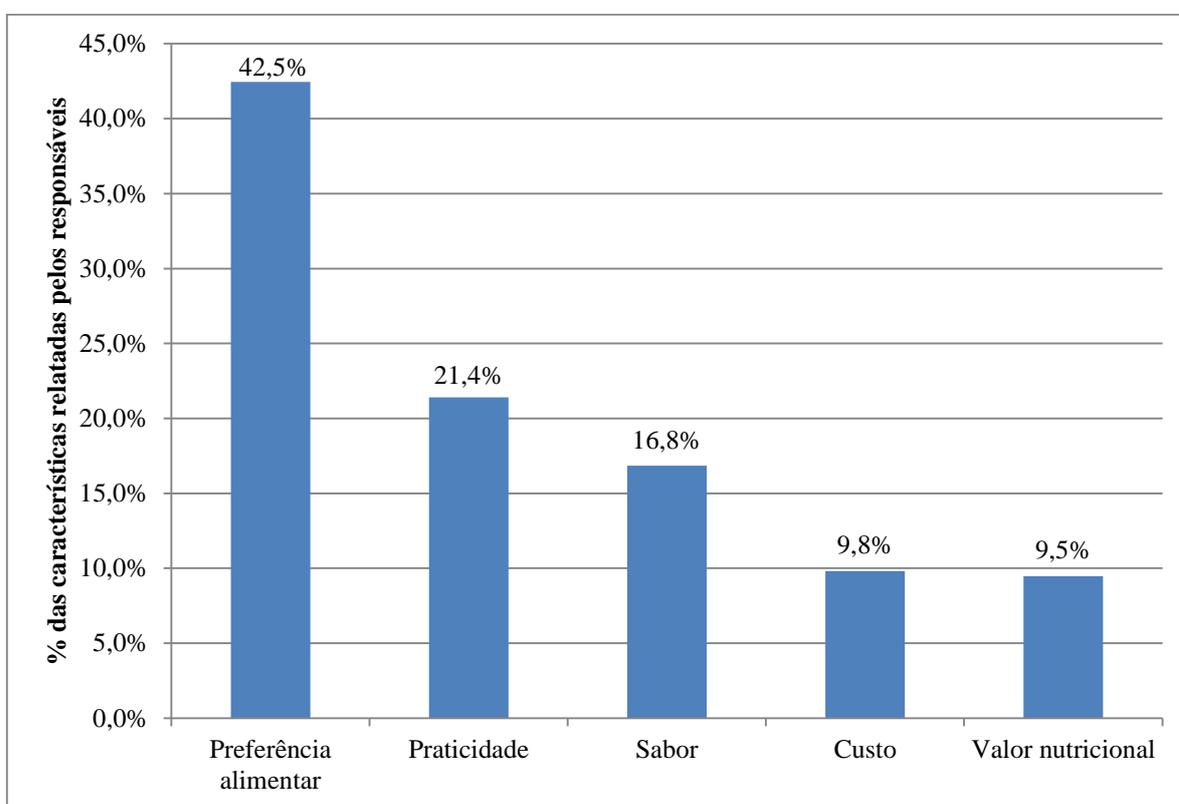


Gráfico 4 - Característica observada pelos responsáveis na escolha do alimento levado pelos pré-escolares.

A preferência alimentar foi a principal questão a ser observada na escolha do alimento levado pelos pré-escolares 42,5%, a praticidade representou 21,4%, o sabor 16,8% e o custo e o valor nutricional tiveram semelhantes valores, 9,8% e 9,5% respectivamente. Semelhante a este estudo, Freitas e Coelho (2014), identificaram que com relação à escolha dos produtos, os pais levam em conta a preferência alimentar da criança e posteriormente a praticidade.

5 CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo mostram que a maioria dos pré-escolares (94,4%) levam alimentos de casa para o ambiente escolar e que os principais motivos são porque a criança pede 26,9% e pela preferência alimentar do filho, envia um alimento (19,9%). Dado que a porcentagem dos alimentos saudáveis (48,1%) foi semelhante à soma dos alimentos não saudáveis e parcialmente saudáveis (51,9%), nota-se a importância de se trabalhar em conjunto para que a qualidade dos alimentos levados seja de valor nutricional adequado para contribuir com a saúde, desenvolvimento das crianças e formação dos hábitos alimentares saudáveis.

Ressalta-se a necessidade de envolver os pais no processo de educação alimentar e nutricional em razão de serem os responsáveis pela compra dos alimentos consumidos pelos filhos, assim como obter parcerias entre nutricionista, diretores e demais membros escolares quanto ao incentivo do consumo da alimentação escolar e divulgação do cardápio, pois assim pode-se diminuir a frequência ou até mesmo evitar que os alunos levem alimentos e deem preferência ao alimento oferecido pela escola. Como visto no estudo, a alimentação escolar é consumida por 45,5% dos alunos juntamente com os alimentos que os mesmos trazem de casa, fato que deve ser revisto, uma vez que isso demonstra que os mesmos aceitam a preparação da escola e de certa forma não haveria necessidade do lanche trazido de casa, o que contribui com aumento da ingestão alimentar e calórica podendo desenvolver obesidade e problemas de saúde, até mesmo prejudicar o aprendizado.

Para os próximos estudos sugere-se a avaliação da frequência do consumo de cada alimento e melhor descrição nutricional dos mesmos como também mais questões para avaliar a aceitação da alimentação escolar para assim ter uma análise mais detalhada da relação entre esses dois fatores. A limitação deste estudo foi quanto à avaliação em apenas pré-escolares do município de Matozinhos; já as dificuldades encontradas dizem respeito a alguns alimentos que não foram totalmente identificados conforme sua composição e também quanto à seleção de estudos que avaliaram a mesma faixa etária principalmente em escolas municipais. No entanto, o estudo possibilitou conhecer os alimentos mais consumidos e os fatores influenciadores tornando possível desenvolver medidas mais direcionadas com foco em uma alimentação escolar de qualidade.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Y. Estatuto da criança atualiza idade para a educação infantil. **EBC Agência Brasil**. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-07/estatuto-da-crianca-atualiza-idade-para-educacao-infantil>>. Acesso em: 06 abr. 2018.
- BENTO, I. C.; ESTEVES, J. M. de M.; FRANÇA, T. E. Alimentação saudável e dificuldades para torná-la uma realidade: percepções de pais/responsáveis por pré-escolares de uma creche em Belo Horizonte/MG, Brasil. **Ciência & saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v.20, n.8, p.2389-2400, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232015000802389&script=sci_abstract>. Acesso em: 20 abr. 2018.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde- Departamento de Atenção Básica. **Guia Alimentar para a População Brasileira**. 2014. Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_alimentar_populacao_brasileira_2ed.pdf. Acesso em: 10 mai. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Portaria Interministerial nº 1010, de 8 de maio de 2006**. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/acessibilidade/item/3535-portaria-interministerial-n%C2%BA-1010-de-8-de-maio-de-2006>. Acesso em: 10 de mai. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Resolução FNDE nº 26, de 17 de junho de 2013**. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/fndelegis/action/UrlPublicasAction.php?acao=getAtoPublico&sgl_tipo=RES&num_ato=00000026&seq_ato=000&vlr_ano=2013&sgl_orgao=FNDE/MEC>. Acesso em: 20 abr. 2018.
- CARVALHO, C. A. de. *et al.* Consumo alimentar e adequação nutricional em crianças brasileiras: revisão sistemática. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v.33, n.2, p. 211-221, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rpp/v33n2/pt_0103-0582-rpp-33-02-00211.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2018.
- CARVALHO, E. A. de A. *et al.* Obesidade: aspectos epidemiológicos e prevenção. **Revista Médica de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v.23, n.1, p.74-82, 2013. Disponível em: <http://ftp.medicina.ufmg.br/observaped/artigos_obesidade/ARTIGO_OBESIDADE_PUBLICADO_OFICIAL_24_09_2013.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2018.
- CORRÊA, R. da S. *et al.* Atuação do nutricionista no Programa Nacional de Alimentação Escolar na região sul do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.22, n.2, p.563-574, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232017000200563&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 12 mai. 2018.
- DOMINGUES, A.T. **A importância da alimentação saudável para alunos do ensino fundamental**. Monografia (Especialização em Saúde para Professores do Ensino Fundamental) – Universidade Federal do Paraná, dez. 2013. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/49741/R%20-%20E%20-%20ALINE%20TENORIO%20DOMINGUES.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> . Acesso em: 13 mai. 2018.

FERNANDES, A. G. de S.; FONSECA, A. B. C. da; SILVA, A. A. da. Alimentação escolar como espaço para educação em saúde: percepção das merendeiras do município do Rio de Janeiro, Brasil. **Ciência & saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v.19, n.1, p. 39-48, 2014.

Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232014000100039&script=sci_abstract&tlng=pt)

81232014000100039&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 16 abr. 2018.

FISBERG, M. *et al.* Hábito alimentar nos lanches intermediários de crianças pré-escolares brasileiras: estudo em amostra nacional representativa. **International Journal of Nutrology**, v.8, n.4, p. 58-71, set-dez. 2015. Disponível em:

<<http://www.abran.org.br/RevistaE/index.php/IJNutrology/article/view/191>>. Acesso em: 10 mai. 2018.

FREITAS, L. G. de. *et al.* Consumo alimentar de crianças com um ano de vida num serviço de atenção primária em saúde. **Revista Portuguesa de Saúde Pública**, Espanha, v.34, n.1, p.46-52, 2016. Disponível em:

<<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0870902515000681>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

FREITAS, P. O. de; COELHO, S. M. Reflexões sobre alimentos consumidos no lanche escolar. Anais Comunicon - Congresso Internacional Comunicação e consumo. São Paulo, out. 2014. Disponível em:

<http://www3.espm.br/download/Anais_Comunicon_2014/gts/gttres/GT03_Patricia_Freitas.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2018.

GODOY, T. de M.; TEIXEIRA, V. M.; RUBIATTI, A. de M. M. Avaliação do estado nutricional e do lanche consumido por crianças entre 2 e 3 anos em escola particular de São Carlos (SP). **Saúde em Revista**, v.13, n.33, p.55-65, 2013. Disponível em:<

www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/sr/article/view/1189>. Acesso em: 10 mai. 2018.

INOUE, D. Y. *et al.* Consumo alimentar de crianças de 12 a 30 meses que frequentam Centros Municipais de Educação Infantil no município de Colombo, Sul do Brasil. **Rev. Nutr.**, Campinas, v.28, n.5, p.523-532, 2015. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-52732015000500523&script=sci_abstract&tlng=pt)

52732015000500523&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 26 mar. 2018.

KNEIPP, C. *et al.* Excesso de peso e variáveis associadas em escolares de Itajaí, Santa Catarina, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.20, n. 8, p.2411-2422, 2015.

Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-81232015000802411&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)

81232015000802411&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 26 mar. 2018.

LEAL, K. K. *et al.* Qualidade da dieta de pré-escolares de 2 a 5 anos residentes na área urbana da cidade de Pelotas, RS. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v.33, n.3, p.310-317, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-05822015000300310&script=sci_abstract&tlng=pt)

05822015000300310&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 03 mai. 2018.

LIMA, P. A. de. **Estratégias de educação alimentar e nutricional com crianças brasileiras no ambiente escolar: uma revisão sistemática**. 2017. 28 f. Monografia (Graduação em nutrição) – Centro Acadêmico de Vitória, Universidade Federal de Pernambuco: Vitória de

Santo Antônio, 2016. Disponível em:

<<http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/19380?show=full>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

LOCATELLI, N. T.; CANELLA, D. S.; BANDONI, D. H. Fatores associados ao consumo da alimentação escolar por adolescentes no Brasil: resultados da PeNSE 2012. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.33, n.4, 2017. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2017000405007&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 28 mar. 2018.

LONGO-SILVA, G. *et al.* Idade de introdução de alimentos ultraprocessados entre pré-escolares frequentadores de centros de educação infantil. **Jornal de Pediatria**, v.93, n.5, p. 508-516, set-out. 2017. Disponível em:

<<http://www.redalyc.org/pdf/3997/399752735011.pdf>>. Acesso em: 11 mai. 2018.

MELLO, A. V. de; MORIMOTO, J. M.; PATERNEZ, A. C. A. C. Valor nutritivo de lanches consumidos por escolares de uma escola particular. **Ciência & Saúde**, Rio Grande do Sul, v.9, n.2, p.70-75, 2016. Disponível em: <

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faenfi/article/view/21844>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

MELO, K. M. *et al.* Influência do comportamento dos pais durante a refeição e no excesso de peso na infância. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v.21, n.4, 2017. Disponível em: <

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1414-81452017000400226&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 25 mar. 2018.

MENDONÇA, M. A. *et al.* Excesso de peso e sua associação com a alimentação escolar entre crianças de uma escola municipal de Minas Gerais. **Univçosa - Anais V SIMPAC**, Viçosa, Minas Gerais, v. 5, n.1, p. 393-398, jan-dez. 2013. Disponível em:

<<https://academico.univçosa.com.br/revista/index.php/RevistaSimpac/article/view/138>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

MOTA, C. H.; MASTROENI, S. S. de B. S.; MASTROENI, M. F. Consumo da refeição escolar na rede pública municipal de ensino. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.** v.94, n.236, p.168-184, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2176-66812013000100009&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 11 mai. 2018.

MOTER, A. F. *et al.* Pontos de venda de alimentos e associação com sobrepeso/obesidade em escolares de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.31, n.3, p. 620-632, mar.2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2015000300620&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 08 abr. 2018.

NASCIMENTO, M. C. P. S. *et al.* Avaliação da adesão e aceitabilidade dos cardápios do Programa de Alimentação Escolar em escolas municipais de Itapetinga – BA: indicadores de desperdício de alimentos. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, Santa Maria, v.20, n.1, p.73-85, jan-abr. 2016. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsm.br/reget/article/view/18639>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

OLIVEIRA, M. N.; SAMPAIO, T. M. T.; COSTA, E. A. Educação nutricional de pré-escolares- um estudo de caso. **Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica**, Viçosa, v.25, n.1, p. 93-113, 2014. Disponível em:

<<http://www.seer.ufv.br/seer/oikos/index.php/httpwwwseerufvbrseeroikos/article/viewFile/161/187>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

PRADO, B. G. *et al.* Qualidade da dieta de escolares de 7 a 10 anos do município de São Paulo: associação com o número e os locais de refeições. **Rev. Nutr.** V.28, n.6, p. 607-618, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-52732015000600607&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 25 mar. 2018.

RAPHAELLI, C. de O. *et al.* Adesão e aceitabilidade de cardápios da alimentação escolar do ensino fundamental de escolas de zona rural. **Braz. J. Food Technol**, Campinas, v.20, e2016112, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-67232017000100406&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 05 mar. 2018.

SÁ, M. P. C. e. As crianças como mercado influenciador : A influência das crianças na tomada de decisão dos pais. 2015. Dissertação (Mestrado em Marketing) - Faculdade de Economia e Gestão, Universidade Católica Portuguesa. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/19319/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Mariana%20S%C3%A1_CD.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2018.

SANTOS, V. S. *et al.* Uso de técnicas gastronômicas: uma estratégia para melhorar a aceitabilidade da alimentação de pré-escolares do interior de Minas Gerais. **J Health Biol Sci.**, v.5, n.3, p.228-233, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.unichristus.edu.br/index.php/jhbs/article/view/1210> >. Acesso em: 28 mar. 2018.

SILVA, D. e. *et al.* Avaliação de atitudes e comportamentos alimentares em crianças e adolescentes obesos referenciados a uma consulta hospitalar vs. uma comunidade escolar. **Revista Portuguesa de Endocrinologia, Diabetes e Metabolismo**, Espanha, v.9, n.2, p.111-115, 2014. Disponível em: <<http://www.elsevier.pt/pt/revistas/revista-portuguesa-endocrinologia-diabetes-e-metabolismo-356/artigo/avaliacao-atitudes-e-comportamentos-alimentares-em-criancas-e-S1646343914000388>>. Acesso em: 07 abr. 2018.

SOUSA, A. A. de. *et al.* Cardápios e sustentabilidade: ensaio sobre as diretrizes do Programa Nacional de Alimentação Escolar. **Rev. Nutr.**, Campinas, v.28, n.2, p.217-229, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-52732015000200217&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 28 mar. 2018.

TEIXEIRA, H. C.; VOLPINI, M. N. A importância do brincar no contexto da educação infantil: creche e pré-escola. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro, São Paulo, v.1 n.1, p.76-88, 2014. Disponível em: <<http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/31/04042014074001.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2018.

TOLONI, M. H. de A. *et al.* Consumo de alimentos industrializados por Lactentes matriculados em creches. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v.1, p. 37-43, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rpp/v32n1/pt_0103-0582-rpp-32-01-00037.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2018.

VAZ, D. S. S.; BENNEMANN, R. M.; Comportamento alimentar e hábito alimentar: uma revisão. **Revista Uningá Review**, [S.I.], v.20, n.1, p.108-112, 2014. Disponível em:

<https://www.mastereditora.com.br/periodico/20141001_083919.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2018.

VEGA, J. B.; POBLACION, A. P.; TADDEI, J. A. de A. C. Fatores associados ao consumo de bebidas açucaradas entre pré-escolares brasileiros: inquérito nacional de 2006. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.20, n.8, p.2371-2380, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141381232015000802371&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 28 mar. 2018.